**A psicanálise e o “mind, body problem”**

*Investigação realizada por Francisco Paes Barreto, Henri Kaufmanner,*

*Lúcia Grossi, Laura Rubião, Maria de Fátima Ferreira, Guilherme Ribeiro,*

*Marcelo Quintão e Elisa Alvarenga (coordenadora)*

**Introdução**

Inicialmente nos interessamos por elucidar o que seria o “mind, body problem”. *Mind, body* é o problema: qual é a relação entre a mente e o corpo? São a mente e o corpo substâncias separadas ou elementos da mesma substância? Qual é a relação entre uma e outra?

O *mind-body problem* em filosofia examina a relação entre mente e matéria e, em particular, entre consciência e cérebro. O problema passa pelos filósofos pré-socráticos, por Platão e Aristóteles, por Avicena, pela tradição asiática, mas remonta principalmente ao dualismo cartesiano. Desde os gregos, há esta tentativa de localizar o psíquico no cérebro, ou no coração. Com Descartes temos a glândula pineal como sede da alma.

Para o Dualismo, a mente é essencialmente não corporal, e existe separadamente do corpo. As duas formas mais importantes de dualismo são o dualismo de substâncias, que concebe a mente formada por substância distinta e não governada pelas leis da física, e o dualismo de propriedades, segundo a qual o mundo é constituído por uma única espécie de substância - a física – embora existam duas espécies de propriedades, as físicas e as mentais[[1]](#footnote-1).

Para o Monismo, a mente e o corpo não são fundamentalmente separados. O termo monismo é usado principalmente para designar o “materialismo”, doutrina que atribui a causalidade apenas à matéria. A atividade espiritual humana seria efeito estrito da matéria, ou seja, do organismo, do sistema nervoso ou do cérebro[[2]](#footnote-2). As principais formas de monismo são:

1. Fisicalismo: para o qual a mente pode ser reduzida a processos físicos do cérebro e consiste de matéria organizada de forma particular.
2. Behaviorismo: falar sobre estados mentais é falar sobre comportamentos.
3. Funcionalismo: estados mentais são causados por comportamentos, sentidos e outros estados mentais.
4. Fisicalismo típico: estados mentais são equivalentes a estados cerebrais.
5. Idealismo: para o qual só a idéia existe verdadeiramente, sendo a matéria da ordem da ilusão.
6. Fenomenalismo: reduz o mundo físico a percepções que existem

 somente dentro da mente.

1. Monismo neutro: mente e matéria são aspectos distintos de uma essência não idêntica a nenhum deles.

Uma rejeição explícita à dicotomia mente-corpo encontra-se no estruturalismo francês, que não aceita a divisão entre ciências da natureza e ciências do espírito, que prevalece no início do século XX e tem inspiração cartesiana. O estruturalismo pretende uma fundamentação matemática, cujo paradigma seria a linguística.

**Freud e o “Projeto”**

O “Projeto para uma psicologia científica” é publicado nos anos 50, mas começa a interessar ao diálogo entre psicanálise e neurociências a partir dos anos 90[[3]](#footnote-3). Para Bezerra, o *Projeto* tem uma inspiração dualista e, apesar da intenção fisicalista e do vocabulário neurológico, suas elaborações se referem a uma dinâmica psicológica, intencional e não a processos físicos e quantitativos. Nas cartas a Fliess, Freud confessa: “Tudo que eu estava tentando explicar era a defesa”. Suas questões vinham de sua prática clínica.

Com a “Interpretação dos sonhos”, Freud mostra que é possível construir um modelo não tão amparado na neurobiologia e o aparelho psíquico passa a ser descrito com os pontos de vista tópico (inconsciente, consciente e pré-consciente e depois isso, eu e supereu), dinâmico (dualismo pulsional: pulsão do eu x pulsão sexual e depois pulsão de vida x pulsão de morte) e econômico (princípio do prazer x princípio de realidade e depois o além do princípio do prazer).

 “A existência precede a essência”, afirmação de Sartre, implica uma atitude antinaturalista como resistência a hipóteses deterministas e a-históricas sobre a natureza humana, incompatíveis com a contingência e historicidade na constituição do sujeito. O fenômeno da plasticidade e os estudos epigenéticos permitem abordar a emergência da singularidade nas ciências naturais e humanas, como o fazem Ansermet e Magistretti.

Segundo Eric Laurent[[4]](#footnote-4), Ansermet e Magistretti subvertem o modelo de Eric Kandel, médico próximo a Ernest Kris que quis fazer passar a psicanálise a uma etapa científica, assimilando-a às neurociências cognitivas. Kandel descreve a capacidade do sistema nervoso de ser modificado pela experiência como sua plasticidade e propõe uma leitura dos comportamentos que se desenvolvem sem recorrer à consciência como a realização da hipótese freudiana dos processos inconscientes. Assim, o sinal de angústia freudiano diante de um trauma lhe parece perfeitamente explicado por Pavlov. O que ele chama “psicanálise” se desenvolve portanto fora da linguagem, da interpretação e da dimensão do sentido.

Ansermet e Magistretti conservaram a homonímia proposta por Kandel entre o traço deixado por uma experiência de aprendizagem no sistema nervoso e os traços dos quais fala Freud no “Projeto”, mas incluem, sob a noção de traço, as estimulações vindas do interior do corpo, fazendo do cérebro o órgão da homeostase das sensações provenientes do corpo ou do exterior. Eles enfatizam que a reassociação constante entre traços culmina na produção do único, daquilo que é cada vez mais singular, levando em conta os mecanismos epigenéticos. A plasticidade permite assim considerar o indivíduo como biologicamente determinado para ser livre, quer dizer, para realizar uma exceção[[5]](#footnote-5).

É esse ponto de conexão do sujeito que fala com o funcionamento da atividade biológica, a partir das neurociências, que Laurent interroga. O “Projeto” se constrói a partir da neurologia do final do século XIX, com a teoria da inscrição no sistema psíquico de uma “facilitação” provocada por uma descarga e a experiência de satisfação que ela constitui. Entretanto, a energética de Freud é problemática, pois a quantidade que ele supõe é irredutível às quantidades biológicas. Ela é reservada às experiências que procedem do campo sexual construído por Freud, sendo a libido postulada por Freud como uma quantidade constante nas operações que marcam as representações do sexual na atividade psíquica. Ela dá conta dos fenômenos de excesso ou de falta nas diferentes patologias. Ao longo da obra de Freud, o modelo do princípio do prazer concebido como descarga da libido é posto gradativamente em dúvida, até à ruptura consumada com os mecanismos biológicos em “Além do princípio do prazer”. Em “O mal-estar na civilização”, Freud afirma que é preciso dar conta de um impossível a descarregar, no cerne mesmo da satisfação sexual, na articulação com o laço social. Para Laurent, passa-se aí à hipótese de uma antibiologia, onde a articulação do corpo ao social implica uma relação à morte distinta da biológica. A psicanálise não procede mais de uma psicologia compatível com as leis da física.

**Lacan e a causalidade psíquica**

É o que Lacan leva em conta em “Formulações sobre a causalidade psíquica”. Ele se recusa a localizar no sistema nervoso a gênese da perturbação mental, na medida que o mental procede de uma outra dimensão que não aquela da física. Essa posição é cartesiana, na medida em que não confunde a substância pensante e a extensa, mas trata-se de um Descartes retomado por Husserl em suas *Meditações cartesianas.*  Laurent aponta que Jacques-Alain Miller sublinha, em um comentário das “Formulações”, a oposição entre a noção de “atividade psíquica”, descrita pela neuropsiquiatria, e a função subjetiva, sempre marcada pela falha, pela falta. Lacan opõe à atividade psíquica, duplicação do funcionamento neuronal, a “cadeia bastarda de destino e de inércia, lances de dados e de estupor, falsos sucessos e encontros desconhecidos, que compõe o texto corrente de uma vida humana”[[6]](#footnote-6). Mais ainda que na neurose, os fenômenos clínicos da psicose colocam em jogo uma significação pessoal que visa o sujeito. A loucura é inteiramente vivida no registro do sentido. Desde que o homem fala, suas identificações respondem aos paradoxos de seu laço com o que ele diz e que lhe foi dito. Ou seja, a materialidade do inconsciente não é feita de aprendizagem, mas de coisas ditas ao sujeito, que o feriram, e de coisas impossíveis de dizer, que o fazem sofrer. A memória inconsciente parasita o vivente.

Lacan considera, portanto, que os traços freudianos não se inscrevem no sistema nervoso, ao mesmo tempo que eles são significantes. Desde o Seminário 2, ele afirma que a biologia freudiana não tem nada a ver com a biologia. O dualismo em questão para Lacan estava ligado à autonomia do simbólico. A clínica das neuroses é aí distinguida dos fenômenos psicossomáticos, onde haveria um investimento da libido no interior do organismo, com a erotização de tal ou tal órgão. A natureza do simbólico é particularmente destacada nos sonhos e a autonomia do simbólico é ressaltada na ligação com a pulsão de morte. Essa autonomia do simbólico, que se solta do imaginário e do real, pode ser pensada, no Seminário 2, quando Lacan pergunta: “Porque os planetas não falam?” [[7]](#footnote-7). Essa pergunta leva Lacan a esclarecer a identificação de alguns sujeitos à imagem, que os leva até à Síndrome de Cotard. Eles se identificam a uma imagem à qual falta toda e qualquer hiância ou aspiração, todo vazio do desejo. A identificação do ser à sua pura e simples imagem não deixa lugar para a mudança, nem mesmo para a morte. Eles estão mortos e são imortais, se identificam simbolicamente com o imaginário. Talvez possamos falar aqui do império da imagem na melancolia.

Um exemplo, bem contemporâneo do império das imagens, é o de B., trazido pela mãe porque vive isolado, conectado à internet. Inquieto, senta-se diante da analista e não fala nada. Apenas esboça a intenção de pegar o celular, visivelmente ansioso. Diante do seu mutismo, a mãe é convocada, com o seu consentimento, a falar. Conta que B. apaixonou-se platonicamente por uma professora com quem diz se corresponder pela internet. Na segunda sessão traz o notebook e explica que seu “namoro” com a professora já dura 4 anos. Ele entende que se comunicam por fotos no facebook, que interpreta à sua maneira, ora favorável, ora contra o namoro. Há também um homem que comenta as fotos da professora, como se soubesse do seu interesse por ela. “Ele sabe o que estou pensando e pode atrapalhar nosso namoro”. A erotomania delirante persiste, embora não veja mais a professora e ela nunca tenha sabido do seu interesse. B. não fala, não sai do quarto e fica agressivo quando tentam separá-lo dos seus gadgets.

**O inconsciente, rede de nós**

Lacan considera que os traços freudianos, significantes, devem estar ligados ao sistema do vivente como tal. Laurent considera que o inconsciente não deve ser entendido nem como uma positividade nem como uma negatividade, mas como uma rede de impossibilidades, o que abre espaço para considerar o inconsciente como uma rede de nós. Lacan procurou ir além do inconsciente freudiano a partir da pulsão de morte[[8]](#footnote-8).

Para Lacan, a base do inconsciente freudiano não é biológica nem cultural, mas feita de matéria significante. O ponto de partida é o impacto da linguagem, o trauma, que produz gozo, o que Freud chama de fixação. O caminho no qual o evento primordial de gozo é inscrito no corpo é contingente e diferente dos aspectos cerebrais. O traço, a marca, no corpo, do encontro com o gozo, não é o traço da experiência de aprendizagem, mas a marca da experiência da perda. O inconsciente é também memória, mas memória onde a mensagem não circula livremente: existem impossibilidades da circulação relacionadas aos impactos de lalíngua no corpo, ou seja, existem furos. Necessitamos outra idéia que não seja a da impressão tipográfica, do traço como uma impressão. Um novo tipo de impressão poderia ser como uma cadeia de nós, estruturada com o simbólico, o imaginário e o real. O simbólico seria como o inconsciente freudiano reorganizado com a linguística, o imaginário seria o corpo em todas as suas dimensões e o real seria o gozo com esses encontros entre a linguagem e o corpo.

É o que propõe Jacques-Alain Miller quando formula que do primeiríssimo Freud ao ultimíssimo Lacan, vamos “*du neu-rone au noeud”[[9]](#footnote-9).* Uma visada materialista habita a trajetória da teoria psicanalítica do neurônio ao nó. A pulsão, como lugar limite entre o psíquico e o físico dá origem ao ponto de vista econômico, sem contudo dissipar o mistério do corpo falante.

Se para o cognitivismo o psiquismo duplica o cérebro, o desenvolvimento dos métodos relativos ao imaginário cerebral tornou acessível a identificação das bases neurais do psiquismo. Stanislas Dehaene, aluno de Jean-Pierre Changeux, subdivide o córtex humano em múltiplos territórios especializados, ao mesmo tempo em que faz apelo a uma zona de síntese, que conferiria capacidades superiores ao pensamento, localizada no córtex frontal. Mas a ligação entre a competência à cultura, a consciência reflexiva e a existência de uma potente rede de conexões no córtex frontal é apenas hipótese.

Lacan propõe o estádio do espelho como uma solução para a problemática multiplicidade-síntese. A multiplicidade do corpo despedaçado é unificada na imagem no espelho, através da linguagem, mas o que permite o laço entre a imagem do corpo e o corpo fragmentado são as zonas erógenas. O laço entre a imagem e o organismo tem a ver, então, com as experiências de gozo que “grampeiam”, unem[[10]](#footnote-10).

Marie-Hélène Brousse considera que o discurso da ciência modificou o corpo fragmentado no sentido de fragmentá-lo de verdade, mas também modificou a imagem, dissociando-a da possibilidade de visão. Abre-se um mundo de imagens vistas por máquinas, impossíveis de ver sem a ciência. Os seres falantes necessitam cada vez mais informações para fazer barreira à angústia diante do caos orgânico, havendo uma ruptura entre o Ideal do eu e a imagem narcísica ou eu ideal. Por meio da ciência, o eu ideal vem substituindo cada vez mais o Ideal do eu, a extensão do império das imagens faz com que não sejam reguladas pela linguagem, mas pela escritura científica, nos processos que querem modificar o eu ideal, por exemplo nas cirurgias estéticas.

**Clínica do corpo falante**

 É o que podemos ver também nos sintomas anoréxicos/bulímicos, que tratam no real do corpo a imagem não tratada pelo simbólico. E. tem 27 anos e fez uma tese sobre as mulheres em função de cuidadoras. O cuidado tem o sentido do sacrifício, sempre cuidou do Outro, mas ressente-se de não ser vista, amada pelo Outro, de ser um peso para ele. Sua resposta se dá então pela subtração de um pedaço real do corpo – o corpo magro, sem forma, é o sacrifício encarnado e opera de modo diverso do corpo histérico banhado pelo simbólico. Para não ser um peso para o Outro, tem que se tornar literalmente magra, aparecer tornando-se invisível. O corpo deslibidinizado é também uma estratégia de negação da feminilidade, negação do corpo de mulher que se traduz pela esterilidade no sintoma da amenorréia.

Um outro caso nos mostra como o império das imagens pode ser uma espécie de tábua de salvação para o sujeito, que diz: “Ninguém acredita em mim”. C. circula na rede pública e traz a queixa de uma dor no corpo – cada dia num ponto do corpo - ensejo de diversos diagnósticos. Queixa angústia, insônia, tristeza, tentou suicídio e foi afastada do trabalho. Vai a vários especialistas com uma demanda: que descubram o que tem. Por fim, o médico lhe diz que tem fibromialgia. Exames de imagem, radiografias, ressonâncias magnéticas, tomografias, constituem uma grande coleção que ela traz às consultas. Os exames não mostram nada, mas em todo caso, a dor já se deslocou. Ninguém acredita nela. Recorre à justiça. Um dia, prescrevem-lhe um soro. Tira fotos na maca enquanto recebe a medicação, com fotos das prescrições. Assim terá algo a mostrar. É convidada a falar, mostrar os exames. Depois passa a falar do Outro que não a reconhece, que não acredita: as filhas que criou sozinha, o patrão que a fazia de escrava. O diagnóstico de fibromialgia lhe dá alguma sustentação, mas não lhe oferece garantia, já que até mesmo a ciência duvida desse diagnóstico. Passa a falar da mãe, que tampouco acreditava nela. A fazia trabalhar desde a adolescência e, quando os meninos passavam a mão nela, a punia. Depois o marido, violento, batia nela, tinha uma amante. Obrigava-a a fazer sexo com uma arma em sua cabeça... Só teve filhas mulheres e quando a amante engravidou de um filho homem, o marido a abandonou, levando tudo, menos as três filhas. Só lhe resta o corpo, sem significação fálica, em cuja imagem tenta localizar um furo, fonte de sua dor. O que falta, parece, é justamente o furo do inconsciente enquanto *troumatismo* que possa ser subjetivado pelo ser falante, que reveste este furo com seu corpo. No caso de C., o corpo não se sustenta sem as imagens fornecidas pela ciência, ou as fotos com as quais ela tenta provar o seu sofrimento. Parece que faltou a C., como também a E., um dizer que fizesse impacto para dar-lhes um corpo. Faltam-lhes a crença no corpo para dar-lhes consistência.

O saber de que se trata no inconsciente nada tem a ver com o saber em função no cognitivismo, que é informação, objeto estocado na memória e parte de um aprendizado. O saber do inconsciente é alojado no discurso. O sujeito lacaniano não é susceptível de se encarnar no cérebro e nas imagens fornecidas pela ciência, como queria Marc Solms ou mesmo Antonio Damasio[[11]](#footnote-11).

Se o Lacan clássico adotou uma linguagem causalista, mais tarde em seu ensino defendeu uma fratura da causalidade. Não há causalidade sexual e não há lei na relação entre os sexos. Opôs, então, o real da ciência, que contém um saber, ao real da psicanálise, sem lei. A contingência torna-se palavra-mestra no lugar da causa. O inconsciente é real e sem lei. É assim que Lacan vai buscar no nó a base material da psicanálise.

1. Cf. [www.philosophy-index.com/philosophy/mind/mind-body.php](http://www.philosophy-index.com/philosophy/mind/mind-body.php) [↑](#footnote-ref-1)
2. ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia.* Campinas, Martins Fontes, 1999, p. 681. [↑](#footnote-ref-2)
3. BEZERRA JR., B. *Projeto para uma psicologia científica – Freud e as neurociências.* RJ, Civilização Brasileira, 2013. [↑](#footnote-ref-3)
4. LAURENT, E. Usos das neurociências pela psicanálise, in *Curinga 36.* Belo Horizonte, 2013, p. 76-77. [↑](#footnote-ref-4)
5. ANSERMET, F., MAGISTRETTI, P. *A chacun son cerveau. Plasticité neuronale et inconscient.* Paris, Odile Jacob, 2004, p. 22. [↑](#footnote-ref-5)
6. LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica, in *Escritos.* Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 160. [↑](#footnote-ref-6)
7. LACAN, J. *O Seminário, livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.* Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 299. [↑](#footnote-ref-7)
8. LAURENT, E. Debate com Catherine Malabou em Londres em 22.01.2015, publicado em Radio Lacan: [www.radiolacan.com/en/topic/486/3](http://www.radiolacan.com/en/topic/486/3) [↑](#footnote-ref-8)
9. MILLER, J.-A. Curso de 06.02.2008. [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf. BROUSSE, M.-H. Corpos lacanianos. Novidades contemporâneas sobre o estádio do espelho, in *Opção lacaniana online nova série, ano 5, n. 15,* nov. 2014. [↑](#footnote-ref-10)
11. Cf. SOLMS, M. *Pour la Science,* 2004, p. 78, citado por LAURENT, E. Las vias sin salida del psicoanálisis cognitivo, in *Lost in cognition,* Diva, 2005, p. 65: “Las cartografías neurológicas recientes están en adecuación con la descripción hecha por Freud. La región central del tronco cerebral y el sistema límbico – responsable de los instintos y de las pulsiones – corresponden al Ello de Freud. La región frontal ventral que controla la inhibición selective, la región frontal dorsal, que controla los pensamientos conscientes, y el cortex posterior que percibe el mundo exterior, corresponden al yo y al superyó. [↑](#footnote-ref-11)